

UNIÃO E DISTINÇÃO ENTRE CORPO E ALMA EM DESCARTES

HÊNIA LAURA DE FREITAS DUARTE

ALEXANDRE GUIMARÃES TADEU DE SOARES

RESUMO

O presente artigo é um estudo sobre a *distinção* entre *corpo* e *alma* em Descartes. Em primeiro lugar, através deste estudo, procuramos entender o significado de *alma* e de *corpo* em Descartes. Em seguida, estudamos, segundo Descartes, as noções de *união* e *distinção* entre a *alma* e o *corpo*. Para a realização desta pesquisa foi necessário um estudo sobre as *Meditações sobre Filosofia Primeira*, a correspondência trocada entre Descartes e a Princesa Elisabeth e a elucidação de algumas noções nos *Princípios da Filosofia*, tais como, por exemplo, as noções de claro e distinto.

Palavras-chave: Descartes; Corpo; Alma; Distinção; Meditações.

RÉSUMÉ

Cet article présente une étude sur la distinction entre le corps et l'âme chez Descartes. D'abord, on cherche à comprendre la signification de ce qui est l'âme et le corps chez Descartes. Ensuite, on cherche à comprendre, selon Descartes, les notions de union et de distinction de l'âme et de corps. Pour la réalisation de cette recherche il a été nécessaire une étude sur les *Méditations sur la Philosophie Première*, ce correspondances échangées par Descartes et la Princesse Elisabeth et l'analyse de quelques notions dans l'œuvre *Les Principes de la Philosophie* telles que, par exemple, les notions de clair et distinct.

Mots-clés: Descartes; Le Corps; L'âme; La Distinction; Les Méditations.

INTRODUÇÃO:

O presente artigo é um estudo sobre a *noção* da alma e do corpo em Descartes. Nosso objetivo geral visa compreender em que medida essa noção é uma *distinção* e como podemos a partir dela compreender a *união* existente entre a alma e o corpo. Para

alcançarmos esse objetivo, estudamos as *Meditações sobre Filosofia Primeira*, sobretudo a *Sexta Meditação*, pois, é nela e precisamente a partir do quarto parágrafo que Descartes tratará sobre o assunto que compõe nosso estudo. Estudamos também duas correspondências trocadas entre o filósofo e Elisabeth, princesa da Bohemia. Essas cartas datam os dias 16 de maio de 1643 e 21 de maio de 1643. É justamente nelas que Descartes aborda a temática do corpo e da alma.

Posto isso, na primeira parte responderemos a duas perguntas importantes para o nosso estudo. A primeira é *o que é a alma?* E a segunda, *o que é o corpo?* Procuraremos compreender, a partir da *Segunda Meditação*, o momento em que Descartes descobre a natureza da alma, e por que ela é mais conhecida do que o corpo.

Já na segunda parte, buscaremos mostrar o que Descartes entende por *distinção*. E por que, então, trata-se de uma distinção e como o filósofo concebe a *união* entre corpo e alma. Assim, estudamos o texto da *Sexta Meditação*, no qual Descartes precisa que a alma é *distinta* do corpo, mas, é necessário considerarmos em que medida há uma interação entre alma e o corpo humano. Em última instância, que significa essa interação intrínseca entre alma e corpo para Descartes?

MATERIAL E MÉTODOS:

A pesquisa filosófica se enquadra na modalidade de trabalho teórico, realizado com o acesso a algumas obras de René Descartes. O expediente do trabalho teórico é a leitura analítica que compreende sucessivas etapas de abordagem do texto filosófico, desde a primeira leitura destinada a localizar o texto no ambiente filosófico, seguindo-se a etapa da leitura instrumental que visa extrair do texto os conceitos que lhe dão sustentação. Desse modo foi possível compreender como o problema filosófico da alma e do corpo surge em Descartes, o que nos forneceu, por conseguinte, a compreensão da tese proposta pelo autor sobre a interação entre corpo e alma.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

1. Que é a alma para Descartes?

Ora, o primeiro e principal requisito que previamente se exige para o conhecimento da imortalidade da alma é que dela nos formemos um conceito, o mais **claro** possível e que seja completamente **distinto** de

todo conceito do corpo. (AT, VII, 2-3. DESCARTES, 2004, p.37,grifos nossos).

O trecho acima se encontra na sinopse da *Segunda Meditação*. Descartes mostra que a primeira condição para aprendermos a imortalidade da alma é que primeiramente formemos um conceito, que seja ao mesmo tempo, *claro* e totalmente *distinto* do conceito de corpo. Mas como isso é possível?

Ora, precisamos entender, primeiramente, o que Descartes compreende por *claro* e *distinto*. Na primeira parte dos *Princípios da Filosofia*, Descartes elucida o significado de uma percepção *clara*: são todas as ideias presentes, atuais, que são apresentadas a uma mente atenta, ou seja, o que podemos perceber sem dúvidas. Já uma percepção *distinta* é aquela que ao mesmo tempo em que é clara, é separada das outras percepções; não se confunde, portanto, com nenhuma outra coisa, e nela só existe o que é claro. Como é bem explicitado na seguinte passagem do artigo XLV dos *Princípios da Filosofia*:

Clara chamo àquela [percepção] que está manifestamente presente a uma mente atenta, assim como dizemos que são claramente vistas por nós as [coisas] que, presentes a um olho que enxerga, movem-no de maneira suficientemente forte e manifesta. Distinta, porém, é aquela que, além de ser clara, é tão precisamente separada das outras que absolutamente nada mais contém em si além do que é claro. (DESCARTES, 2002, p.61).

A noção de *distinção* abrange, segundo o excerto acima, a noção de *claro*. Uma coisa é distinta de outra na medida em que sua disposição a faz absolutamente ser o que ela é, quer dizer, o que a torna propriamente uma coisa e não outra. Sea noção de *claro* é aquela que permite ver as coisas, a noção de distinção é aquela que, de certo modo, ao ver uma coisa, além disso, possibilita determinar e delimitar uma coisa enquanto tal. Desse modo, é preciso entender em que medida é possível compreender de maneira adequada como a alma se distingue do corpo.

A correspondênciaa Elisabeth de 16 de maio de 1643 parece indicar uma solução. Nela, a princesa da Bohemia pede uma definição de alma que seja mais particular: “Porque eu vos peço uma definição de alma, mais particular que em vossa

Metafísica, quer dizer, de sua substância, separada de sua ação, do pensamento¹”.
(DESCARTES, Paris: Flammarion, 1989, p.65, tradução nossa).

Em resposta a Elisabeth, Descartes diz que existem duas *coisas* na alma. Ora, no artigo XLVIII da obra *Princípios da Filosofia* Descartes expõe o conceito de *coisa* como sendo tudo o que ocorre em nossa percepção. O que fica bem claro no trecho abaixo:

Tudo o que cai sob a nossa percepção, nós o consideramos ou bem como uma coisa, ou uma certa afecção das coisas, ou bem como uma verdade eterna que não tem qualquer existência fora do pensamento. Dentre os conteúdos [percebidos] que consideramos como coisas, os mais gerais são a substância, a duração, a ordem, o número e, se é que há outros do mesmo tipo, os que [também] se estendem a todos os gêneros de coisas. Não reconheço, porém, mais do que dois gêneros supremos de coisas. Um é o das coisas intelectuais, ou cogitativas, isto é, pertinentes à mente ou à substância pensante. O outro é o das coisas materiais, ou que pertencem à substância extensa, isto é, ao corpo. A percepção, a volição e todos os modos tanto de perceber quanto de querer referem-se à substância pensante; à extensa, porém, a grande (ou seja, a própria extensão em comprimento, largura e profundidade), a figura, o movimento, o lugar, a divisibilidade das próprias partes e coisas que tais. (DESCARTES, 2002, p.65).

Uma dessas *coisas* que existem na alma e que Descartes expõe a Elisabeth em sua carta é que ela pensa, e a outra é que ela está unida ao corpo, podendo assim agir e padecer com ele. Segundo Descartes, nós temos certas *noções primitivas*, em sua correspondência com Elisabeth, em 21 de maio de 1643, ele expõe o termo de *noção primitiva*, como sendo originais e que são a partir delas que nós formamos todos os nossos outros conhecimentos, ou seja, estas *noções* servem de base para conseguirmos formar o conhecimento a cerca das *coisas*. Através dessas *noções* podemos conceber que para a *alma*, nós temos o pensamento, nas quais estão incluídas as percepções do intelecto e as inclinações da vontade. O que podemos perceber no trecho abaixo:

Primeiramente, considero que há em nós certas noções primitivas, que são como originais, sobre o molde das quais nós formamos todos os nossos outros conhecimentos. E só há poucas como tais noções; pois, após as mais gerais, do ser, do número, da duração, etc., que convém a tudo que podemos conceber, nós temos, para o corpo em particular, a noção de extensão, da qual decorrem as da figura e do movimento; e, para a alma somente, nós temos a do pensamento, em que são

¹ “Pourquoi je vous demande une définition de l’âme, plus particulière qu’en votre Métaphysique, c’est-à-dire de sa substance, séparée de son action, de la pensée”. (DESCARTES, Paris: Flammarion, 1989, p. 65).

incluídas as percepções do intelecto e as inclinações da vontade (...).²
(DESCARTES, Paris: Flammarion, 1989, p.68, tradução nossa).

Nota-se aí que Descartes mostra a Elisabeth que a partir dessas *noções primitivas* podemos explicar as coisas que a elas não pertencem, como por exemplo, quando queremos através da imaginação conceber a natureza da alma, ou quando se quer conceber o modo como a alma move o corpo, pois ele considera que a ciência dos homens não consiste senão em bem distinguir essas *noções*, e não atribuir a cada uma delas senão as coisas as quais elas pertencem.

Com efeito, Descartes continua sua explicação na correspondência, relatando que nas *Meditações* o intuito era de primeiramente conceber as *noções* que apareciam somente na alma, e que são *distintas* das que apareciam somente no corpo, pois, essas *noções* não devem ser procuradas em outro lugar que não seja em nossa alma. Descartes mostra, assim, que havia até então uma certa confusão na forma de compreender a *noção* da força que a alma agia sobre o corpo, isto é, com a força que o corpo age em outro corpo pelo fato de ainda não a conhecermos de modo adequado. Diz Descartes:

Assim eu acredito que nós temos até agora confundido a noção da força pela qual alma age no corpo, com aquela pela qual um corpo age em um outro; e que atribuímos uma e outra, não a alma, pois não a conhecemos ainda, mas as diversas qualidades do corpo, como à gravidade, ao calor e as outras, que imaginamos ser reais, quer dizer, ter uma existência distinta daquela do corpo, e, por consequência ser substâncias, ainda que tenhamos nomeado qualidades³.
(DESCARTES, Paris: Flammarion, 1989, p. 69, tradução nossa).

Na *segunda meditação*, pensava Descartes o que poderia ser atribuídas a alma, ou seja, o que existe nele e que poderia ter vindo dela. Ele primeiramente se questiona se andar e alimentar é uma atribuição da alma, porém percebe que não, devido ao fato

²“Premièrement, je considère qu’il y a en nous certaines notions primitives, qui sont comme des originaux, sur le patron desquels nous formons toutes nos autres connaissances. Et il n’y a que fort peu de telles notions; car, après les plus générales, de l’être, du nombre de la durée, etc., qui conviennent à tout ce que nous pouvons concevoir, nous n’avons, pour le corps en particulier, que la notion de l’extension, de laquelle suivent celles de la figure et du mouvement; et pour l’âme seule, nous n’avons que celle de la pensée, en laquelle sont comprises les perceptions de l’entendement et les inclinations de la volonté” (...).
(DESCARTES, Paris: Flammarion, 1989, p. 68).

³“Ainsi je crois que nous avons ci-devant confondu la notion de la force dont l’âme agit dans le corps, avec celle dont un corps agit dans un autre; et que nous avons attribué l’une et l’autre, non pas à l’âme, car nous ne la connaissions pas encore, mais aux diverses qualités des corps, comme à la pesanteur, à la chaleur et aux autres, que nous avons imagine être réelles, c’est-à-dire avoir une existence distincte de celle du corps, et par consequent être des substances, bien que nous les ayons nommées des qualités”.
(DESCARTES, Paris: Flammarion, 1989, p. 69).

de que não há necessidade de ambas, se ele não tiver um corpo, depois pergunta se sentir também é de alguma forma uma atribuição da alma, mas como isso pode acontecer se ele não tiver mais um corpo, e se muitas vezes já pareceu que ele sentia quando estava dormindo, e ao acordar concluía que nada sentia. No seu último questionamento Descartes se pergunta sobre o pensar, e concluí que só o pensamento não pode ser separado dele, ou seja, ele concluí que é substância pensante, coisa pensante.

Na verdade, quais delas eu atribuía à alma? Vejamos se algumas estão em mim: alimentar-me e andar? Como já não tenho corpo, já não são mais que ficções. Sentir? Ora, isto também não ocorre sem corpo e muitas coisas pareceu-me sentir em sonho de que, em seguida, me dei conta que não sentira. Pensar? Encontrei: há o pensamento, e somente ele não pode ser separado de mim. (AT, VII, 18-19. DESCARTES, 2004, p. 49).

Mas partindo do trecho acima, podemos perguntar: que é o pensamento? Nos *Princípios da Filosofia*, Descartes elucida o pensamento, que pode ser entendido como sendo tudo o que ocorre em nós, quando temos consciência e pressupõe que há em nós uma consciência delas. O filósofo expõe que faculdades como a de entender, imaginar, querer, no caso do pensamento, é o mesmo que o sentir, visto que se eu percebi isso foi através unicamente do pensar, através da mente, é uma verdade. O que podemos concluir com essa passagem do artigo IX dos *Princípios da Filosofia*:

Pois, se eu disser: “eu vejo” ou “eu ando, logo existo” e entender isso da visão ou do andar, que se realizam com o corpo, a conclusão não é absolutamente certa, visto que, como muitas vezes ocorre nos sonhos posso presumir que estou vendo ou andando, ainda que não abra os olhos e não saia do lugar e, talvez, até mesmo, ainda que não tenha um corpo. Mas, se eu entender isso do próprio sentido ou da consciência de ver ou de andar, ela é inteiramente certa, porque se refere neste caso à mente, que é a única a sentir ou pensar que está vendo ou andando. (DESCARTES, 2002, p. 29).

1.2 – Que é o corpo para Descartes?

Na sinopse da *Segunda Meditação*, Descartes nos informa que é necessário termos um conceito *distinto* da natureza corporal: “É preciso que tenhamos também um conceito distinto da natureza corporal (...)”. (AT, VII, 2-3. DESCARTES, 2004, p. 37). Pois, nós compreendemos que todo corpo é divisível, em oposição a toda alma, que só é

compreendida como indivisível, explicando-nos que não é possível entendermos a metade de uma alma, enquanto que podemos conceber isso com qualquer corpo.

Descartes escreve que conforme os pensamentos apareciam em sua mente, ele percebia o que realmente era. Pensava que era um conjunto de membros, constituído de mãos, braços, pernas, rosto, tronco, pés, o qual ele denomina de corpo, no entanto, percebia todo esse agrupamento em um cadáver, como Descartes explica nesse trecho: “Mas, que o corpo humano, na medida em que difere dos outros corpos, é constituído por certa configuração de membros e de outros acidentes desse modo”. (AT, VII, 14. DESCARTES, 2004, p. 39).

Assim, ao fato de compararmos corpo e mente, enquanto o corpo é formado por membros e outros acidentes, a mente não é formada da mesma maneira como é o corpo e nem possui esses tais acidentes que compõe o corpo humano, pois ela é substância pura. No artigo LI de *Princípios da Filosofia*, Descartes expõe que substância, pode ser entendida como sendo uma coisa cuja existência não precisa de outrem. Podem ser concebidas como substâncias, a corpórea e a mente, pois, a única coisa que é necessária para sua existência é o concurso de Deus. Como fica exposto no trecho abaixo:

Porém, a substância corpórea e a mente, ou a substância pensante, criada, podem ser entendidas sob esse conceito comum, porque são coisas que precisam tão somente do concurso de Deus para existir. Contudo, a substância não pode vir a ser reconhecida simplesmente por ser uma coisa existente, uma vez que isso por si só não nos afeta. Mas facilmente a reconhecemos a partir de qualquer um de seus atributos, mediante aquela noção comum segundo a qual o nada não tem quaisquer atributos, isto é, quaisquer propriedades ou qualidades. Com efeito, pelo fato de percebermos que algum atributo está presente, concluímos que alguma coisa existente, ou uma substância, à qual pode ser atribuído, também está necessariamente presente. (DESCARTES, 2002, p.68, 69).

Isso se deve ao fato de que, mesmo que os acidentes que constituem a alma passem por alguma modificação, uma alteração, nada poderia afetá-la, ou seja, ela não se torna outra mente não se modifica. Entretanto, quando o corpo sofre alguma alteração, ele se transforma em outro, ou seja, se houver qualquer modificação em qualquer parte do corpo, este não será mais o mesmo. Assim, o filósofo conclui que o corpo perece com extrema facilidade, ao passo que a mente não morre, ela é imortal. O que podemos concluir com o trecho abaixo:

Pois, embora todos os seus acidentes se modifiquem – ela entende umas coisas, quer outras, sente outras etc. –, nem por isso a própria mente torna-se uma outra. Ao passo que o corpo humano torna-se outro, em virtude apenas de que se modifique a figura de qualquer uma de suas partes. Disto se segue que tal corpo morre muito facilmente, enquanto a mente ou a alma do homem (o que não distingo) é imortal por sua natureza. (AT, VII, 14. DESCARTES, 2004, p. 39).

Descartes expõe que concebe o corpo sem nenhuma dúvida, pois descobriu que conhecia distintamente sua natureza. Segundo ele, o corpo é todo tipo de objeto material que ocupa um determinado espaço, ele caracteriza a matéria pela extensão, ou seja, ela é o atributo principal da substância corporal e os corpos só são conhecidos pela figura e pelo movimento. Nas suas correspondências com Elizabeth ele escreve que os corpos são regidos pelas leis da extensão e do movimento e devem ser interpretados segundo o modelo fornecido pelos dispositivos mecânicos. Além disso, nas *Meditações* ele expõe que o corpo podia ser percebido através de certos sentidos como a visão, audição, tato, olfato, paladar. O que podemos perceber no excerto abaixo:

Sobre o corpo não tinha, na verdade, dúvida alguma e julgava conhecer-lhe a natureza distintamente. Se tentava talvez descrevê-la tal qual minha mente a concebia, explicava-o desta maneira: entendo por corpo tudo o que pode terminar por alguma figura, estar circunscrito em algum lugar e preencher um espaço do qual exclui todo outro corpo. É percebido pelo tato, pela vista, pelo ouvido, pelo gosto e pelo olfato e é, também, movido de muitos modos, não em verdade por si mesmo, mas por um outro, que o toca e do qual recebe a impressão. Pois, ter a força de mover-se a si mesmo, de sentir e de pensar, de modo algum julgava pertencer à natureza do corpo. Ao contrário, ficava antes admirado de encontrar tais faculdades em certos corpos. (AT, VII, 26. DESCARTES, 2004, p.47).

Na *Sexta Meditação*, Descartes retoma o exposto acima e expõe as coisas que antes julgou como verdadeiras, as quais percebe através do sentido e os motivos que o faz pensar dessa forma, explicando o porquê colocou em dúvida e o que ele conclui como verdadeiras.

Primeiramente, Descartes explica que sente que tem os membros que compõe o seu corpo e que esse corpo dispunha no meio de tantos outros que o afetavam de diversas formas, seja de forma confortável, seja de forma importuna, dando-lhe a primeira, sensações de conforto, e a segunda de desconforto. Além dessas sensações ele explicava que sentia vários apetites, sentia sede, e também certos sentimentos como

tristeza, alegria, ira, além das sensações fora do corpo, de calor, frio, a percepção de cores, de sabores, de sons, de cheiros. O trecho abaixo elucidava isso:

Em primeiro lugar, portanto, senti que tinha cabeça, mãos, pés, e os outros membros de que se compõe esse corpo que olhava como parte minha ou, talvez até, como eu inteiro. E senti que esse corpo situava-se entre muitos outros que podiam afetá-lo de várias maneiras, dando-lhe comodidade ou causando-lhe incômodo, medida a primeira por uma sensação de prazer e o segundo, por uma sensação de dor. Além da dor e do prazer, sentia também em mim fome, sede e, de igual modo, outros apetites, bem como certas inclinações corporais para a alegria, a tristeza, a ira e outros afectos semelhantes. Fora de mim, além da extensão, das figuras e dos movimentos dos corpos, neles sentia também dureza, calor e outras qualidades táteis e, além disso, a luz, as cores, os cheiros, os sabores e os sons, mediante cuja variedade distinguia uns dos outros o céu, a terra, o mar e todos os outros corpos. (AT, VII, 74-76-77. DESCARTES, 2004, p.161-163).

No trecho supracitado, Descartes expõe que percebe que essas sensações vêm a ele através dos sentidos, e por perceber que através delas sentia fome, alegria, sede, e devido ao fato de que nenhuma dessas sensações tinham por certo alguma ligação, e tudo o que ele julgava que existiam nos outros objetos, aprendera através da natureza, natureza esta, que por sua vez, ele explica como sendo naquele momento, Deus, ou uma certa ordem instituída por ele de todas as coisas feitas.

No parágrafo 22 da *sexta meditação*, Descartes elucidava que como Deus não é enganador, e devido ao fato de que ele não colocou essas sensações em nós, e que não supunha dúvida de que as coisas que a natureza lhe havia ensinado tem de fato algo verdadeiro, o levavam a crer que essas sensações eram expressas das coisas corporais. O filósofo conclui de fato, que as coisas corporais existem, talvez não totalmente da forma como ele as entende, através dos sentidos, contudo, como Descartes as compreendem de fato claro e distinto, ou seja, todas as coisas em geral que são objetos da Matemática pura. Mas o que a natureza o ensina de forma objetiva e sem dúvidas é que ele possui um corpo, que sente dor, anseios, alegrias e que não há porque duvidar que o corpo existe. O que podemos perceber na passagem seguinte:

Mas, como não é enganador, é de todo manifesto que Deus não põe por si, imediatamente, essas ideias em mim, nem mediante alguma criatura que contivesse não formalmente, mas só eminentemente, a realidade que, nelas, é objetiva. Pois, como ele não me deu nenhuma faculdade para o reconhecer e, ao contrário, deu-me uma grande propensão a crer que elas são emitidas das coisas corporais, não vejo razão por que não o possa entender enganador, se essas ideias forem emitidas de alhures que não das coisas corporais. Por conseguinte, é

preciso confessar que as coisas corporais existem. (AT, VII, 80. DESCARTES, 2004, p.173).

Nos *Princípios da Filosofia*, no I artigo da Segunda Parte, Descartes expõe que devido ao fato de Deus não ser enganador, e devido à concepção que temos das coisas materiais serem elas opostas a nossa mente, é através dessas coisas materiais que podemos perceber *claramente e distintamente* sua matéria extensa, ou seja, em comprimento, profundidade e largura. Pode-se então concluir que é essa coisa material, que podemos nomear de matéria ou corpo. O que nos elucida o excerto abaixo:

Mas, porque sentimos, ou antes, impelidos pela sensação, percebemos clara e distintamente uma certa matéria extensa em comprimento, largura e profundidade, cuja várias partes estão providas de várias figuras e são movidas por vários movimentos e fazem também com que tenhamos várias sensações de cores, de odores, de dor etc., se Deus exibisse imediatamente por si mesmo à nossa mente a ideia dessa matéria extensa, ou se apenas fizesse com que ela fosse exibida por alguma coisa na qual nada houvesse de extensão, nem de figura, nem de movimento, não se pode excogitar nenhuma razão por que não deveria ser considerado enganador. Com efeito, claramente a entendemos como uma coisa inteiramente diversa de Deus e de nós, ou seja, de nossa mente; e parece-nos também que vemos claramente que a sua ideia advém de coisas postas fora de nós, às quais é em tudo semelhante. Porém, ser enganador é obviamente contraditório à natureza de Deus, como já se observou antes. E, por isso, não se pode deixar de concluir aqui que existe uma certa coisa extensa em comprimento, largura e profundidade, tendo todas as propriedades que percebemos claramente convir à coisa extensa. E é essa coisa extensa a que chamamos corpo ou matéria. (DESCARTES, 2002, p. 104-105).

Enfim, a substância corporal existe, visto que ela não consiste somente em peso, ou dureza, ou cor e nem nada parecido. Mas sim em ser uma coisa extensa baseada em comprimento, largura e profundidade, uma vez que, a matéria corpórea só precisa dessa extensão para existir. No artigo IV da Segunda Parte dos *Princípios da Filosofia*, Descartes expõe essa conclusão:

Fazendo isso, perceberemos que a natureza da matéria, ou do corpo considerado em geral, não consiste no fato de ser uma coisa dura ou pesada ou colorida ou que afeta os sentidos de alguma outra maneira, mas tão-somente no fato de ser uma coisa extensa em comprimento, largura e profundidade. Pois, quanto à dureza, o sentido não nos indica outra coisa sobre ela senão que as partes dos corpos duros resistem ao movimento de nossas mãos quando entram em contacto com elas. Se, com efeito, sempre que nossas mãos se moverem em direção a alguma parte, todos os corpos aí existentes retrocederem na mesma velocidade com que elas se aproximam, jamais sentiremos dureza alguma. Nem se pode entender de maneira alguma que os corpos que assim retrocederem por isso mesmo haverão de perder a natureza de corpo, e, por conseguinte, esta não consiste na dureza. Pela mesma razão é

possível mostrar que tanto o peso quanto o calor quanto todas as outras qualidades desse tipo, que são sentidas na matéria corpórea, dela podem ser tirados, permanecendo a mesma íntegra, donde se segue que a sua natureza não depende de nenhum deles. (DESCARTES, 2002, p. 106-107).

2- Distinção

Nas suas correspondências com Elisabeth, Descartes relata que seu principal intuito nas *Meditações* era o de provar a *distinção* que existe entre a alma e o corpo, “(...) meu principal desígnio é o de provar a distinção que existe entre a alma e o corpo”⁴ (DESCARTES, Paris: Flammarion, 1989, p. 68, tradução nossa). Na *sexta meditação* Descartes expõe que, como ele entende que todas as coisas feitas por Deus são claras e distintas, então simplesmente devemos compreender que as coisas feitas por Deus, podem ser entendidas sem precisar de outra, ou seja, que podemos compreendê-las de formas diversas, sem implicação de uma em outra. O que o exposto abaixo nos mostra:

Em primeiro lugar, como sei que todas as coisas que entendo clara e distintamente podem ser feitas por Deus, tal como as entendo, basta que possa entender clara e distintamente uma coisa sem outra, para ficar certo de que uma é diversa da outra, podendo ser postas, ao menos por Deus, separadamente. E não importa a potência exigida para que tal ocorra e sejam consideradas diversas. (DESCARTES, 2004, p.169).

Nos *Princípios da Filosofia*, Descartes expõe que a *distinção* entre a alma e o corpo é conhecida a partir do momento em que eu tenho o conhecimento de que eu existo, ou seja, a melhor forma de conhecer essa *distinção* entre a substância pensante e a corpórea é quando eu sei que eu penso, pois através desse conhecimento, podemos perceber a *distinção* existente entre a natureza da mente e o corpo. O que podemos notar no final do artigo VII e no artigo VIII:

E, por conseguinte, este conhecimento *eu penso, logo existo* é, de todos, o primeiro e o mais certo a ocorrer a quem quer que filosofe com ordem.

⁴“mon principal dessein était de prouver la distinction qui est entre l’âme et le corps”. (DESCARTES, Paris: Flammarion, 1989, p. 68).

E este é o melhor caminho para vir a conhecer a natureza da mente e a sua distinção do corpo. Pois, ao examinar quem afinal somos nós, que supomos serem falsas todas as coisas que são diversas de nós, vemos nitidamente que nenhuma extensão, figura, movimento local ou algo semelhante a se atribuir ao corpo pertence à nossa natureza, mas só o pensamento, que por isso é conhecido antes e com maior certeza do que qualquer coisa corpórea, pois este já percebemos; das outras coisas, porém, ainda duvidamos. (DESCARTES, 2002, p. 27).

Dessa forma, partindo do pressuposto de que eu sei que eu existo, e que nada mais sou do que coisa pensante, ou seja, uma substância da qual a natureza é somente o pensar, ena medida em que sei que eu possuo um corpo, no qual tenho de algum modo uma ligação estreita e tenho um conceito claro e distinto que minha alma é algo pensante inextenso e de outro modo, tenho a concepção distinta do corpo, não como coisa pensante, mas somente como coisa extensa, posso concluir que eu, ou seja, minha alma, coisa pensante, tenho realmente uma distinção corpórea, e posso existir sem o corpo.

Na *Sexta Meditação*, Descartes explica que concebe nele algumas faculdades de sentir e de imaginar, e que a partir dessas faculdades ele consegue compreender a ele sem precisar consulta-las, porém, ele não entende essas faculdades sem ele próprio, ou seja, não há como compreender essas faculdades se ele não existir, porque elas habitam na substância pensante. Descartes reconhece também outras faculdades que não atuam junto a uma substância pensante, como as faculdades de mudar de posição, assumir várias posturas, entre outras, as quais residem em uma substância, pois elas não podem existir sem essa ligação. Porém, como dito acima, elas não habitam uma substância pensante, e sim uma substância corporal, porque nelas existem uma espécie de extensão e não de inteligência. O filósofo nos *Princípios da Filosofia* explica extensão como sendo comprimento, largura e profundidade, e que é a partir desses atributos que é constituída a substância corpórea. Como podemos concluir no trecho abaixo:

Pois tudo o mais que pode ser atribuído ao corpo pressupõe a extensão e é apenas um certo modo da coisa extensa; assim como todas as coisas que encontramos na mente são apenas diversos modos de pensar. Assim, por exemplo, não se pode entender a figura a não ser numa coisa extensa, nem o movimento a não ser no espaço extenso; nem a imaginação, ou o sentido, ou a vontade, a não ser na coisa pensante. Mas, ao contrário, pode-se entender a extensão sem a figura ou o movimento e o pensamento sem a imaginação ou o sentido e assim por diante, como fica manifesto para quem quer que atente [para isso]. (DESCARTES, 2002, p. 69).

Todavia, o excerto acima nos mostra como o pensamento pode ser considerado como constituinte da substância pensante e a extensão como a natureza corpórea, porém de formas distintas. De fato que algo se torna distinto, na medida em que podemos de forma clara, distinguir tudo o que existe nele, como nos mostra o artigo LXIII dos *Princípios da Filosofia*:

O pensamento e a extensão podem ser considerados como constituindo a natureza da substância inteligente e a da corpórea; e, assim, não devem ser concebidos de outro modo senão como a própria substância pensante e a substância extensa, isto é, como a mente e o corpo; destarte, são entendidos claríssima e distintissimamente. E até entendemos a substância extensa ou a substância pensante mais facilmente do que a substância tomada isoladamente, deixando de lado que pense ou seja extensa. Pois não deixa de haver alguma dificuldade em abstrair a noção de substância das noções do pensamento ou da extensão, visto que estas são diversas daquela tão-somente pela razão; e um conceito não se torna mais distinto pelo fato de compreendermos nele menos coisas, mas tão-somente pelo fato de acuradamente distinguirmos de tudo o mais as coisas que nele compreendemos. (DESCARTES, 2002, p. 81).

Na obra *Princípios da Filosofia*, no artigo LX, Descartes expõe a distinção real, ou seja, a distinção real só existe entre substâncias, as quais podem ser entendidas como distintas, devido ao fato de que, podemos conhece-las de forma *clara e distinta* sem a implicação de uma em outra. Na mesma passagem, o filósofo elucida que mesmo presumindo que Deus tenha ligado corpo e alma de forma tão estreita, as coisas que podemos entender separadamente, através de Deus, são de fato coisas distintas. Como nos explica a passagem abaixo:

Da mesma maneira, pelo simples fato de que cada um entenda ser uma coisa pensante e possa no pensamento excluir de si mesmo toda outra substância, tanto pensante quanto extensa, é certo que cada um, assim considerado, se distingue realmente de toda outra substância pensante e de toda outra substância corpórea. E, mesmo supondo que Deus houvesse ligado a uma tal substância pensante uma substância corpórea, e isso de maneira tão estreita que não poderiam estar mais estreitamente ligadas, tendo assim composto algo de uno a partir das duas, elas permanecem não obstante distintas, porque, por mais estreitamente que as tenha unido, ele não pôde se despojar a si mesmo da potência, que tinha antes, de separá-las, ou de conservar uma sem a outra, e as coisas que podem ser ou separadas ou conservadas separadamente por Deus são realmente distintas. (DESCARTES, 2002, p.77).

Todavia, Descartes expõe na *Sexta Meditação* que existem duas faculdades. Uma faculdade é a passiva, que tem a capacidade de sentir, de receber e de conceber as ideias que existem nas coisas sensíveis. A outra faculdade é a ativa, essa faculdade é a

que produz, a que causa essas ideias em mim. A faculdade passiva só é útil na medida em que pode agir conjuntamente com a faculdade ativa. Contudo a faculdade ativa não existe em mim, pois como ela produz ideias sem a minha vontade é certo que ela deva existir em uma substância diversa de mim, a qual deve ter em seu íntimo todo o conteúdo produzido nas ideias dessa faculdade. Entretanto, a substância que essa faculdade habita é por certo um corpo, uma natureza corporal. Descartes expõe que a natureza também o ensina, através das sensações de dor, prazer, fome, entre outras, que ele está apenas ligado ao corpo de forma estreita, como se ambos estivessem misturados, ou seja, como se fossem um só objeto. O filósofo percebe isso, devido ao fato de que quando o corpo sofre algum dano, como ele é substância pensante, deveria então receber as sensações de dor, de sede, de fome, através do intelecto, porém isso não ocorre porque essas sensações são confusas e elas só acontecem devido a união que o corpo exerce com a mente.

A natureza também me ensina, por essas sensações de dor, fome, sede etc., que não estou presente a meu corpo como o marinheiro ao navio. Estou a ele ligado de modo muito estreito e como que misturado com ele, a ponto de com ele compor uma só coisa. Pois, do contrário, quando o corpo é ferido, eu, que não sou mais do que coisa pensante, não sentiria dor por causa disso, mas perceberia essa lesão pelo intelecto puro, assim como o marinheiro percebe pela vista o que no barco se quebra. E, quando meu corpo necessitasse de comida ou de bebida, eu o entenderia expressamente e não teria as confusas sensações de fome e de sede que tenho. Pois essas sensações de sede, fome, dor etc., não são mais do que modos de pensamento confusos, resultantes da união e como que mistura da mente com o corpo. (AT, VII, 84-85. DESCARTES, 2004, p. 175).

A união entre a substância pensante e a corpórea pode ser entendida tendo base o excerto supracitado. Pois, através das sensações que temos de dor, de sede, fome, entre outras, e na medida em que são sensações que não advêm somente da mente pode-se perceber que essas sensações só aparecem na medida em que a mente está ligada ao corpo. O que pode-se conferir no trecho abaixo retirado da obra *Princípios da Filosofia*, no artigo II da Segunda Parte:

(...) que um certo corpo esteja mais estreitamente unido à nossa mente do que os demais corpos [é o que] se pode concluir do fato de nos darmos conta perspicuamente de que as dores e as outras sensações nos advêm de modo imprevisto. Essas, a mente está consciente de que não provêm dela apenas nem podem lhe ser referidas pelo simples fato de ser uma coisa pensante, mas somente por estar ligada a uma certa outra coisa extensa e móvel, a qual coisa é chamada corpo humano.

Mas este não é o lugar para uma explicação mais acurada de tal fato. (DESCARTES, 2002, p. 105).

Em sua correspondência com Elisabeth, Descartes expõe que ao mesmo tempo em que há uma *distinção* entre mente e corpo, também existe uma união, como podemos perceber nesse trecho retirado da carta:

enfim, para a alma e o corpo conjuntos, não temos senão a da sua união, da qual dependem a força que possui a alma de mover o corpo, e os corpos de agir sobre a alma, causando seus sentimentos e suas paixões⁵. (DESCARTES, Paris:Flammairon, 1989, p.68, tradução nossa).

Enfim, Descartes elucida que na mesma medida em que a alma move o corpo, este também é capaz de agir sobre ela. Como nos mostra esse trecho da carta a Elisabeth:

(...)e eu acredito que usamos mal esta noção [de mover os corpos], aplicando a gravidade, que não é este realmente distinto do corpo, como eu esperava mostrar na física, mas que ela nos foi dada para conceber o modo pela qual a alma move o corpo⁶. (DESCARTES, Paris: Flammarion, 1989, p. 70, tradução nossa).

CONCLUSÃO:

Este estudo foi feito com a perspectiva de compreender um pouco do pensamento de Descartes sobre a real *distinção* existente entre corpo e alma, e como podemos conceber a união de ambas. Uma vez que, é complicado entendermos esse problema filosófico o qual Descartes aborda já no subtítulo de suas *Meditações* ao ser inserido como *Meditações sobre Filosofia Primeira, nas quais se demonstram a existência de Deus e a distinção da alma e do corpo*.

Cabe agora respondermos a questão que gerou todo este estudo, por que, segundo Descartes, há uma distinção e em que medida se tem a união entre corpo e alma? Muitos apontariam que o filósofo teria enganando-se, e que não existe nenhuma

⁵ “enfin, pour l’âme et le corps ensemble, nous n’avons que celle de leur union, de laquelle dépend celle de la force qu’a l’âme de mouvoir le corps, et le corps d’agir sur l’âme, en causant ses sentiments et ses passions”. (DESCARTES, Paris: Flammarion, 1989, p.68).

⁶ “et je crois que nous usons mal de cette notion, en l’appliquant à la pesanteur, qui n’est rien de réellement distingué du corps, comme j’espère montrer en la Physique, mais qu’elle nous a été donnée pour concevoir la façon dont l’âme meut le corps”. (DESCARTES, Paris: Flammarion, 1989, p. 70).

união, pois estes acreditam que na verdade a substância pensante e a corpórea são separadas uma da outra.

Em suas *Meditações*, Descartes primeiramente busca compreender o que ele entendia sobre a alma, chegando a conclusão de que a alma é o mesmo que a mente, coisa inextensa, pensamento, espírito, ou seja, alma para ele é a substância pensante, ela não morre, não perece e não se modifica. Na sinopse da *Segunda Meditação*, Descartes deixa isso bem claro, como podemos ver no trecho abaixo:

Não me cabia dizer neste escrito mais nada sobre essa matéria, tanto porque o que disse é suficiente para mostrar que da corrupção do corpo não se segue a morte da mente, deixando assim aos mortais uma esperança de outra vida, quanto também porque as premissas das quais se possa concluir a imortalidade da mente dependem da explicação de toda a Física. (AT, VII, pp. 2-3. DESCARTES, 2004, p. 37).

Contudo, Descartes expõe que corpo é o mesmo que natureza corpórea, substância extensa, ou seja, tudo o que ocupa um lugar em um determinado espaço, coisa extensa, que pode ser tanto o corpo humano, como os demais objetos, como foi dito no item 1.2 ao explicar sobre o corpo, como sendo objeto da Matemática Pura. Descartes explica que o corpo morre com extrema facilidade, que ele é constituído de acidentes e pode ser concebido de maneira divisível. Todavia, é através do corpo que nós sentimos sensações de sede, calor, fome, entre outras, e que o corpo humano só é conhecido em sua extensão e não na dureza ou na sua consistência, extensão essa que é medida em comprimento, largura e profundidade, mostrando o que afirmamos em cima de que o corpo é tudo o que ocupa um espaço em determinado lugar.

Visto isso, nas suas correspondências com Elisabeth, ao expor suas conclusões Descartes primeiramente explica que em suas *Meditações* ele primeiramente tratou das *noções* de alma e corpo separadamente, para então falar de ambas. Antes disso, Descartes trata sobre a real distinção existente entre corpo e alma, segundo ele realmente há uma distinção, que nos mostra que corpo e alma podem ser conhecidos distintamente: uma sendo substância pensante e a outra substância corpórea.

Ora, na própria correspondência Descartes também enfatiza o fato de conseguir demonstrar que concebe a união entre a alma e o corpo: “(...) eu tento aqui explicar o

modo pela qual eu concebo a união da *alma e do corpo*, e como ela tem a força de mover⁷”. (DESCARTES, Paris: Flammarion, 1989, p.68, tradução nossa).

Descartes então na sua correspondência e nas *Meditações* demonstra que o corpo e alma são distintos e separados, pois há entre eles uma união e através dessa união a alma sente coisas advindas do corpo, como quando o corpo está doente e isto afeta a alma, se não houvesse essa união quando ocorresse algo com o corpo, ou com a mente, deveria afetar somente onde houve a alteração, mas não é o que acontece, pois quando o corpo sofre algum dano, a mente também o sente devido ao fato de haver essa união.

Em suma, só sentimos certas sensações devido ao fato de que existe o relacionamento entre corpo e alma, e não existe uma forma de não conceber a união entre ambas. Pois a alma e o corpo podem ser entendidas separadamente, mas elas só existem na medida em que uma pode se unir com a outra.

Pode-se explicar isso como quando dormindo, depois de ter perdido uma pessoa de nosso meio, sonhamos com ela. Que acontece? Só sabemos que é ela, a medida em que no sonho enxergamos que ela aparece na forma como a conhecemos em vida, ou seja, o que aparece para nós é sua alma, porém nós a vimos com o corpo que ela habitava antes.

Se viesse só a alma, e não o corpo como a conhecíamos, não saberíamos distinguir se era ela ou não. Nessa perspectiva podemos perceber a interação existente entre esse composto de corpo e alma.

Descartes então, depois de conseguir explicar as definições de alma, de corpo, de distinção, nos mostra que o que existe na verdade entre corpo e alma é essa distinção, na qual podemos conhecer corpo e alma separadamente, mas percebeu que existia uma união, pois se assim fosse não ocorria na mente o que ocorre no corpo e nem no corpo o que ocorre na mente, e isso nos mostra que corpo e alma são deverás substâncias distintas, porém são também unidas na medida em que sentem o que ocorre em uma e outra, através dessa união.

⁷ “je tâcherai ici d’expliquer la façon dont je conçois l’union de l’âme avec le corps, et comment elle a la force de le mouvoir”. (DESCARTES, Paris: Flammarion, 1989, p. 68).

REFERÊNCIAS

Obras de Descartes

DESCARTES, René. **Correspondance avec Élisabeth**: et autres lettres. L.01EHPNFG0513.C011 Paris: Gf - Flammarion, 1989. 314 p.

_____. **“Carta – Prefácio” aos “Princípios da Filosofia”**, tradução de Alexandre Guimarães Tadeu de Soares. In: *Educação e Filosofia*, número 38. Uberlândia, EDUFU, 2005.

_____. **Discurso do Método**, Introdução, análise e notas de Étienne Gilson, São Paulo, Martins Fontes, 2011.

_____. **Meditações sobre Filosofia Primeira**, tradução de Fausto Castilho. Campinas, Cemodecon-Ifch-Unicamp, 2004. 231 p.

_____. **Oeuvres de Descartes**, publiées par Charles Adam et Paul Tannery, 11 vols. Paris, Vrin, 1996.

_____. **Princípios da Filosofia**, tradução de Guido Antônio de Almeida, Raul Landim Filho, Ethel M. Rocha, Marcos Gleiser e Ulysses Pinheiro. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2002. 114 p.

Comentadores de Descartes e outras obras

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins fontes, 1998.

ARMOGATHE, J.-R. e Marion, J.-L., **Index des Regulae ad directionem ingenii de René Descartes**. Roma, Ateneo, 1976.

BATTISTI, César Augusto. **A prova da existência da multiplicidade de corpos na Sexta Meditação**. *Revista Educação e Filosofia*, Vol. 25 – Número Especial, 2011.

CAHIERS – **DESCARTES**. Paris, Minuit, 1957.

COTTINGHAM, **DESCARTES**. Oxford, Blackwell, 1992.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1991. 170 p.

FAYE, Emmanuel. **Philosophie et perfection de l'homme. De la Renaissance à Descartes**. Paris, Vrin, 1998.

FORLIN, Enéias. **A concepção cartesiana de sujeito: a alma e o animal racional**. *Revista Educação e Filosofia*, Vol. 25 – Número Especial, 2011.

LANDIM FILHO, Raul. **Evidência e verdade no sistema cartesiano**. São Paulo, Loyola, 1992.

MARION, Jean-Luc. **Sur l'ontologie grise de Descartes**. Paris, Vrin, 1993.

RENAULT, Laurence. **Generosidade e substancialidade da alma segundo Descartes**. Tradução de Anselmo Tadeu Ferreira. *Revista Educação e Filosofia*, Vol. 25 – Número Especial, 2011.

SOARES, Alexandre Guimarães Tadeu de. **O Filósofo e o Autor**. Campinas: UNICAMP, 2007, 448 p.

_____. **O Sentido da Cogitatio em “A Busca da Verdade” de Descartes**. *Revista Educação e Filosofia*, Vol. 25 – Número Especial, 2011.